

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA PERSPECTIVA DAS REDES COLABORATIVAS

**Dra. Egeslaine de Nez** ☎ 0000-0002-0316-0080  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Dr. Manuir José Mentges** ☎ 0000-0002-8384-9047

**Dra. Marília Costa Morosini** ☎ 0000-0002-3445-1040  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

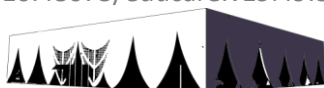
**RESUMO:** A internacionalização da educação superior é considerada um dos critérios de qualidade na avaliação institucional e necessária a formação e qualificação do estudante. Além disso, busca-se por meio dela, proporcionar a construção de competências interculturais. A mobilidade é a forma mais tradicional de internacionalização, entretanto, na América Latina, sua incidência é baixa em razão de questões econômicas, e, também à dificuldade de acesso a alguns centros geopolíticos de conhecimento. Nesta direção, este artigo busca refletir sobre novas formas que necessitam ser postas em prática, para que as instituições atinjam um grau de internacionalização abrangente (*comprehensive*) e possam se tornar irradiadoras do desenvolvimento sustentável. Entre as principais estratégias para esse tipo de internacionalização merecem destaque as redes colaborativas que é o foco desse estudo bibliográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Superior; Internacionalização em casa; Redes colaborativas.

## THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION FROM THE PERSPECTIVE OF COLLABORATIVE NETWORKS

**ABSTRACT:** The internationalization of higher education is considered one of the quality criteria in institutional evaluation and is necessary for student training and qualification. Furthermore, it seeks to provide the construction of intercultural skills. Mobility is the most traditional form of internationalization, however, in Latin America, its incidence is low due to economic issues, and also the difficulty of accessing some geopolitical centers of knowledge. In this direction, this article seeks to reflect on new ways that need to be put into practice, so that institutions reach a degree of comprehensive internationalization and can become radiators of sustainable development. Among the main strategies for this type of internationalization, collaborative networks, which are the focus of this bibliographic study, deserve to be highlighted.

**KEYWORDS:** High education; Internationalization at home; Collaborative networks.



## 1 INTRODUÇÃO

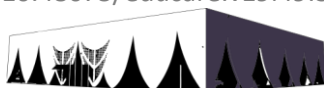
Este estudo aborda a internacionalização da Educação Superior e tem como inspiração o território latino-americano e a construção do conhecimento no Sul Global. De uma dimensão restrita a poucos programas de pós-graduação, voltada à pesquisa, centrada em pesquisadores e estudantes, a internacionalização se expande articulada ao processo de globalização, e passa a ser focada no ensino, e, pensada também na extensão universitária.

Essa mudança de uma posição periférica para uma posição central no contexto das Instituições de Educação Superior (IES) se reflete no desenvolvimento de um arcabouço burocrático e legal para a garantia da qualidade, nos níveis global/regional, nacional e institucional com vistas aos processos de internacionalização.

Por estar imbricada na missão das universidades e nos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDIs) é atravessada por fatores internos (desde as questões econômicas, as culturais e as identitárias) e externos (guerras, tensões, imigração, entre outras situações) que a atinge direta e indiretamente. Esse contexto sugere adaptação constante mediante a necessidade de novas possibilidades que surgem diariamente.

Observa-se, nesse ínterim, que tal temática vem sendo discutida nas últimas décadas alicerçadas na importância de uma sociedade igualitária do acesso ao conhecimento. Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), agência especializada das Nações Unidas (ONU), a referência são sociedades nas quais as pessoas tenham capacidade não apenas para adquirir informações, mas também de compreendê-las e transformá-las. Isso significa dizer que podem ser empoderadas para aperfeiçoar seus meios de subsistência e contribuir para o desenvolvimento social e econômico, e na América Latina, contribuir para a integração solidária do território.

É evidente que a sociedade do conhecimento (fundada na informação e na comunicação), é símbolo e motor da riqueza cultural da humanidade, mas, ao



mesmo tempo, tem sido emblemática e multiplicadora das assimetrias sociais. Traz consigo novos modos de produção do conhecimento. Didriksson (2008, p. 417) esclarece que “El conocimiento, entonces, requiere ser explicado como proceso de trabajo pero también como el eje de la nueva organización social y como plataforma ideológico-cultural”.

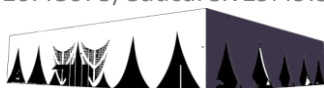
Conforme o Relatório de Desenvolvimento Humano 2021/2022, o Brasil está na 87º colocação (0,754) no ranking mundial do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os 191 países (PNUD, 2022). Hoje, a preocupação é constante. A pandemia de Covid-19 que provocou retrocesso no desenvolvimento humano em todos os países continua a assombrar o mundo com suas consequências (mesmo de forma sutil e invisível). Após esse período pandêmico, o IDH global caiu por dois anos consecutivos e alguns países experimentaram declínios contínuos desde 2020.

As temperaturas recordes, os incêndios, as tempestades e as inundações são sinais de que o planeta está sofrendo e com ele, toda a população. Os que mais sofrem são os menos favorecidos economicamente e populações que vivem em situações de fronteira e de conflitos em diferentes regiões do mundo.

Partindo para as discussões particularizadas ao tema de estudo, segundo o Censo da Educação Superior (2022), o Brasil conta com 2.595 instituições de Educação Superior, com 9.443.597 milhões de matrículas em 44.951 cursos de graduação (Brasil, 2023). A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, [202-]) destaca que o país possui 1,4% de alunos estudando fora do país (internacionalização ativa) e apenas 0,4% em mobilidade passiva (in).

O Sistema de Informações Georreferenciadas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior demonstrou que no ano de 2020, 2.463 das bolsas foram concedidas para o doutorado-sanduiche, seguidas por 786 para professores visitantes em países como: Austrália, Canadá, Estados Unidos, França, entre outros (Brasil, 2022) que identifica uma tendência norte global.

Para a Diretoria de Relações Internacionais (DRI), a diversificação das parcerias internacionais e o aumento do fluxo de estudantes brasileiros com bolsa



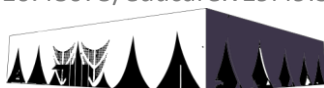
foram expressivos no período de 2015/2020, isso sem levar em consideração dados de agências financiadoras presentes em outros países. Em relação à mobilidade passiva, em 2020, 23,9% dos estudantes estrangeiros matriculados no Brasil eram provenientes do continente africano, sendo liderados por Angola (Brasil, 2022).

A internacionalização é considerada critério de qualidade na avaliação institucional e necessária para a formação plena do estudante e a sua qualificação para o trabalho neste contexto. A mobilidade é o modelo mais tradicional de internacionalização. Entretanto, na AL sua incidência é baixa e novas maneiras necessitam ser pensadas de modo complementar, para que as IES atinjam um grau de internacionalização abrangente (comprehensive) e possam se tornar irradiadoras dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) proposto pela UNESCO (Nações Unidas Brasil, 2023).

Entre as principais estratégias para uma internacionalização da Educação Superior merecem destaque as redes colaborativas, que são o objeto de discussão neste estudo. Para isso, este ensaio se divide em cinco partes contando com a introdução e as conclusões, mesmo que ainda parciais. Na segunda parte apresentamos o percurso metodológico, enquanto na terceira, propomos uma discussão teórica sobre a Internacionalização; e, na quarta, as considerações são sobre as redes colaborativas enquanto instrumentos para potencializar a cooperação transfronteiriça entre culturas e campos do conhecimento, além da interculturalidade.

## 2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este estudo exerce um cerco em torno de um problema como Gatti (2007, p. 62-63) enfatiza, sendo obrigatório: “[...] instrumentos para acessar a questão, vislumbrar e escolher trilhas a seguir e modos de se comportar nessas trilhas, criar alternativas de ação para eventuais surpresas, criar armadilhas para capturar respostas significativas”.



Assim, busca-se problematizar as novas formas que necessitam ser transformadas em práticas e ampliadas, para que as instituições atinjam a internacionalização abrangente (*comprehensive*) no atual contexto desigual e excludente que os países latinoamericanos vivem.

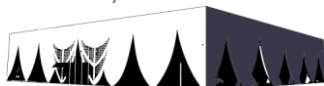
Para isso, a pesquisa bibliográfica sobre a internacionalização na perspectiva das redes colaborativas que é o foco aqui, foi uma atividade constante de localização de fontes diversas, para coletar dados gerais e específicos a respeito do tema na Educação Superior.

Os resultados de cunho qualitativo que cercam o problema ampliam sua visão contribuindo para a construção do conhecimento. E, a partir deles, ampliar no diálogo sobre a competência intercultural na Educação Superior para construir rupturas entre as fronteiras e ressignificar espaços de integração quer sejam locais, regionais ou globais no âmbito do Sul-Sul.

### **3 APORTE TEÓRICO SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Durante muito tempo, a internacionalização foi compreendida como mobilidade e intercâmbios acadêmicos (Gacel-Ávila, 2006; Laus; Morosini, 2005; Stallivieri, 2003). Conceitualmente, expressa significados polissêmicos, que vão desde experiências e investigações científicas entre países, até instituições sem fronteiras, programas internacionais, intercâmbio e cooperação técnica (De Wit, 2017).

O conceito é complexo, e não pode ser confundido apenas com mobilidade acadêmica ou docente por meio de pesquisas e atividades pontuais. A Educação Superior tem realizado historicamente, na maior parte dos continentes, intercâmbios, quer sejam científicos ou tecnológicos, por meio da mobilidade docente, discente e de pesquisadores. São frequentes as opções pela internacionalização das universidades no desejo de formar uma verdadeira sociedade regida pelo conhecimento entre os países.

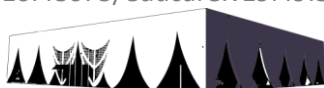


Para compreender esse histórico, retoma-se a classificação de Morosini (2006) das diferentes fases do desenvolvimento da internacionalização que foram: a) dimensão internacional – se caracterizou por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) educação internacional – organizada nos estados unidos, entre a segunda guerra mundial e o término da guerra fria, realizada por razões políticas e de segurança nacional; c) internacionalização - posterior à guerra fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e a regionalização das sociedades e seu impacto na Educação Superior.

A UNESCO alerta em seus documentos a necessidade de solidificar a cooperação internacional como parte integrante de sua missão criando mecanismos e estruturas apropriadas para promovê-la. Desde a Reunião dos Parceiros da Educação Superior, Paris+5 (UNESCO, 2003) houve um entendimento de que a dimensão internacional se caracterizava a partir de: intercâmbio de conhecimento, redes interativas, projetos internacionais e mobilidade acadêmica e nas redes de pesquisa. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2009) se manifestou e tem publicado desde então, recomendações aos países em desenvolvimento este tipo de internacionalização. Morosini e Mentges (2020) esclarecem que nestes processos, os movimentos de cooperação e integração, em matéria de Educação Superior, são ponto de destaque dos documentos oriundos dos organismos internacionais.

Segundo a Agenda de Eficácia da Ajuda organizada pelo Comitê de Assistência ao Desenvolvimento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (CADOCDE) em 2005, foi fundamental construir um debate sobre a necessidade de otimizar os recursos técnicos e econômicos nos processos de cooperação e integração. Além disso, consideravam que havia uma forte tendência à concentração geográfica e setorial, sob a lógica de contribuir para o desenvolvimento das regiões mais carentes (aquelas com renda baixa que devem ser as prioritárias).

Medina (2019, p. 20) corrobora que a cooperação deve ser implementada como uma política pública para os países da América Latina, com vistas ao



desenvolvimento Sul/Sul. “En este sentido, el conjunto de países reportan actuaciones de CSS y conviven en importantes espacios de diálogo y concertación técnica y política, de carácter regional e iberoamericano, para fortalecer a la CSS y mejorar su eficacia en el contexto de la cooperación internacional para el desarrollo”.

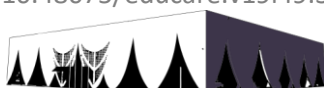
Nesse movimento, um dos últimos documentos com grande expressão proveniente dos organismos internacionais foi a Agenda da Educação 2030. Um movimento global para erradicar a pobreza, através da implementação de 17 ODS´s. A figura a seguir, identifica as áreas que precisam obrigatoriamente ampliar metas e ações para que se possa avançar.

**Figura 1:** Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) estabelecidos pela ONU



**Fonte:** Brasil (2023b).

A educação, essencial para atingir todos eles, tem uma parte exclusiva do documento. Trata-se do objetivo 4, que visa “Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (UNESCO, 2015, p. 1). Aqui nos importa essencialmente da ODS4



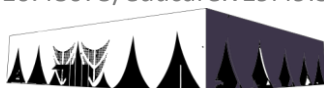
sem deixar de articulá-la aos outros objetivos e refletir a partir disso na perspectiva intercultural, muitas deles podem ser ampliadas com o uso das redes de pesquisa.

Com a virtualização proposta pela pandemia, foi necessário reinventar formas de a internacionalização alcançar seu objetivo de proporcionar a interação/socialização entre os países, além disso, modos de se garantir a ODS4 também como suporte para as ações internacionais. Hoje, há uma tendência expressa na internacionalização em casa (IaH), que privilegia experiências internacionais dentro da própria Instituição de Educação Superior, e que possui características diferentes do que apenas as tradicionais envolvidas em programas de mobilidade acadêmica (Crowther *et al.*, 2000). Este modelo envolve o ambiente doméstico do aluno, bem como, integra o currículo acadêmico, possibilita o intercâmbio em disciplinas ofertadas em cursos de outros países, sem exigir a mobilidade acadêmica.

Na atualidade, há uma tendência no fortalecimento dos processos de internacionalização em casa, caracterizado pela integração intencional das dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os estudantes dentro dos ambientes de aprendizado universitário e de internacionalização do currículo (IoC), que prevê a incorporação das dimensões internacional, intercultural e/ou global nos conteúdos curriculares assim como na aprendizagem (Luna, 2016; Morosini; Corte, 2021; Nilsson, 2000).

Deste modo, a internacionalização hoje, mais do que um eixo estratégico nas políticas e planos institucionais, configura-se como missão da universidade, e deve contribuir para o enfrentamento dos desafios atuais da Educação Superior, para a cooperação solidária internacional e potencializando a relação Sul-Sul frente a um mundo globalizado.

A internacionalização é um eixo estruturante no desenvolvimento de toda universidade (pública ou privada) e se constituiu como uma estratégia indispensável para o avanço científico, tecnológico e de geração de oportunidades de qualificação da comunidade acadêmica. É um processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural para a Educação Superior, advindo de



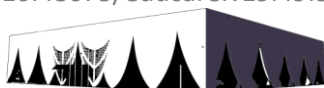


interações, sustentadas por redes de pesquisa (Morosini; Nez, 2021). As redes valorizam múltiplas culturas, diferenças, locais e tempos, fortalecem a capacidade científica nacional, aliadas ao desenvolvimento sustentável.

Essa aposta caminha na direção de um conceito mais amplo do que simplesmente integrar uma perspectiva internacional na universidade, por meio da mobilidade que é parte fundamental no processo. Todavia, há outras formas: a internacionalização em casa (soluções como dupla titulação, mobilidade virtual, co-tutela, convênios institucionais) e internacionalização do currículo (oferecer conhecimentos e habilidades internacionais e interculturais) (Morosini, 2019). Ou ainda, a internacionalização integral, na qual há uma mudança cultural e organizacional das IES, que modifica suas identidades institucionais e assume uma dimensão internacional, desde o ensino à pesquisa e extensão até os serviços administrativos (Hudzik, 2015).

Assim, se aposta num novo olhar na busca de um modelo sustentável de internacionalização. Para os países em desenvolvimento a IaH é imprescindível no fortalecimento da equidade. No Brasil, somente 2% dos estudantes que concluem a graduação tiveram uma experiência internacional curricular. Essa modalidade com olhar inclusivo e sustentável tem a potencialidade de estender a uma maioria dos estudantes um processo internacional e intercultural de formação universitária.

Pode-se dizer que a IaH é inclusiva, na medida em que inclui culturas, povos, países, etnias, conhecimento, realidades multiculturais no currículo formal das universidades. E, na abordagem sustentável, se consubstancia em um ensino internacionalizado na instituição, sem deslocamentos físicos para outros países. Para esse tipo de internacionalização é necessário fomento, capacitação de recursos humanos, políticas de suporte nacionais e institucionais e o predomínio da cultura da educação on-line. Para o global sul, a implantação da IaH é um dos fatores positivos, pois possibilita a ampliação da internacionalização para classes menos favorecidas economicamente que não têm a possibilidade de intercâmbio.



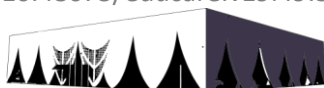
A partir da constatação dos estudos de Wernicke e Korsunsky (2014) de uma internacionalização da Educação Superior em países do sul global, marcada pela baixa mobilidade e a mesma com direção sul-norte, busca-se considerar a construção e implementação de modelos voltados para a integração regional, alicerçado em uma educação com equidade, direito de todos e bem público.

Nesta direção, uma variedade de instrumentos e técnicas podem ser utilizadas: palestras com convidados de empresas e universidades parceiras internacionais, estudos e práticas de casos internacionais, literatura internacional, enfim, possibilidades estas que estão ancoradas nas redes colaborativas e que conseguem acontecer com o suporte on-line.

Este tipo de internacionalização é uma das estratégias do campo científico da Educação Superior. É importante considerar que nas funções universitárias de ensino e pesquisa, os docentes têm papel primordial na constituição da IaH, e, decorrente dessa certeza, a formação de professores e pesquisadores é elemento decisivo neste processo no Brasil.

Em síntese, entende-se que a internacionalização da Educação Superior é um processo na universidade como um todo. Exige ações que abarcam cursos, projetos e ações de fomento que objetivam aumentar a relação com estudantes e docentes de universidades internacionais, com a finalidade de formar redes de colaboração de/para pesquisa, de ensino e fomentar extensão universitária para a formação de alunos com uma característica intercultural.

Isto porque a palavra “internacionalização” deve se conectar as dimensões internacional e intercultural das habilidades e dos atributos que devem ser considerados essenciais a se desenvolver e refletir na aprendizagem dos estudantes (De Wit, 2014). Morosini e Clemente (2019) lembram que os conceitos internacional e intercultural devem ser considerados como gêmeos, no entanto, esse entendimento torna maior a complexidade para o campo da internacionalização, pois reflete nessas novas formas de internacionalização, para além da mobilidade.



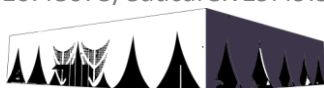
## 4 REDES COLABORATIVAS

As redes colaborativas entre pessoas ou organizações sempre estiveram presentes na história da sociedade. No entanto, surgem com mais força a partir das últimas décadas do século XX, especialmente mobilizadas pela globalização, a partir de cenários mais competitivos, com maior disponibilidade de tecnologia e interações por meio de mídias e diferentes possibilidades de relacionamento entre pessoas e organizações. Para Lopes e Baldi (2009, p. 1011), esse estudo tem origem em 1970, “[...] quando antropólogos e sociólogos buscaram compreender como os indivíduos estão conectados uns aos outros e como essas afiliações servem como uma ‘cola’ ou mantêm o significado da vida social” (grifo do autor).

Castells (2020) destaca que o final do século XX deu origem a uma nova economia, sendo informacional; porque a capacidade competitiva das organizações se pauta pela informação com base no conhecimento; global, porque produção, consumo e circulação se estruturam em escala mundial e com diferentes agentes econômicos, e está em rede, devido a oportunidade e possibilidade de pessoas e organizações atuarem globalmente a partir da interação e objetivos comuns. Assim,

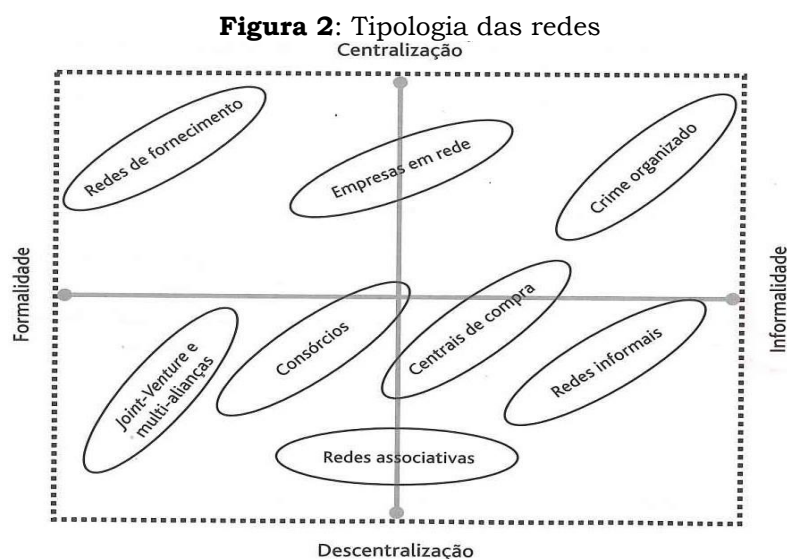
Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação [...] (Castells, 2020, p. 553).

Se constituiu a partir de objetivos, da interação e um formato de organização (governança) entre os agentes. A partir da interação entre os agentes (nós) pode se afirmar que o coletivo, ou o grupo de pessoas ou instituições é eficaz e mais inteligente do que o indivíduo ou a organização isolados. Isso traz ganhos coletivos, como inovação colaborativa, aprendizado compartilhado, ganho em escala, redução de custos, dentre outros. “Assim, a organização em rede surge como alternativa de estratégia de pessoas ou organizações, através da articulação de diversos atores da



economia, mas com a expectativa de obtenção de vantagem competitiva” (Mentges, 2022, p. 87).

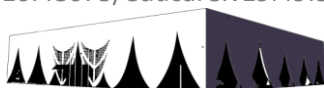
Ao longo da história, o conceito de rede foi sendo aprofundado por diferentes áreas de conhecimento, adotando novas abordagens a partir do impacto das relações que se estabelecem entre pessoas e organizações e dos avanços e desafios da globalização e da sociedade do conhecimento. Existem diferentes tipologias, abordagens sobre redes, bem como modelos de organização. Balestrin e Verschoore (2016, p. 62) apresentam um mapa conceitual, apresentando essas tipologias que podem ser adaptadas ou adotadas para determinados fins numa atuação colaborativa.



**Fonte:** Balestrin e Verschoore (2016, p. 62).

Como representada na figura acima, existem diferentes formas de organização, podendo as redes ser mais formais ou informais, mais centralizada ou descentralizada. No entanto, sua estruturação nasce a partir de objetivos comuns e interação entre pessoas ou organizações e definição de arranjos colaborativos claros para sua atuação (Balestrin; Verschoore, 2016).

A organização em rede sempre teve grande força nas áreas da economia, tecnologia da informação e negócios. A partir das possibilidades, em especial surgidas a partir do final do Século XX, o conceito de organização em rede



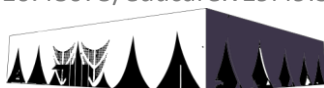
[...] também vem sendo apontada como alternativa de expansão da ação de organizações do terceiro setor, como ONGs (organizações não governamentais) e organizações sociais, bem como mecanismos alternativos para implementação de políticas intersetoriais pelo Estado (Lopes; Baldi, 2009, p. 1017).

Na Educação Superior, pelo viés da internacionalização, as redes colaborativas promovem a composição de grupos de pesquisa, ensino, extensão entre Universidades, ou mesmo projetos no âmbito da governança, gestão, compartilhamento de práticas e inovação. Especialmente, frente ao contexto de cenários aonde a globalização se apresenta em diferentes dimensões, “A organização em rede é, acima de tudo, um meio que permite diversificar as estratégias de internacionalização da educação superior, na perspectiva do ensino, da pesquisa e dos serviços a serem oferecidos e operados por instituições parceiras” (Mentges, 2022, p. 85).

Isso emergiu como um fenômeno significativo no contexto global, impulsionado pela interconexão entre as nações, avanços tecnológicos e a necessidade crescente de preparar os estudantes para um mundo cada vez mais interdependente. Nesse cenário, as redes colaborativas desempenham um papel crucial, fornecendo estruturas flexíveis e dinâmicas para promover a cooperação entre instituições de ensino superior em diferentes países.

A Internacionalização e a perspectiva da organização em rede pode ser compreendida como um campo interdisciplinar e complementar, à medida que diferentes teorias atuam de forma colaborativa e interdependente. “Assim, ações de maior articulação entre as universidades, numa perspectiva interdisciplinar, podem favorecer processos que corroboram, inclusive, a perenidade e sustentabilidade da missão institucional, compreendida a partir das diferentes dimensões” (Mentges, 2022, p. 119).

As Redes Colaborativas se fortalecem impulsionadas pelas diretrizes de organismos internacionais - UNESCO e OCDE, propondo projetos ou atuações conjuntas entre duas ou mais organizações, visando colaborar a partir de objetivos

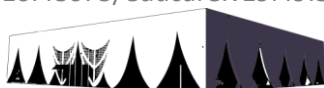


comuns, de oportunidades ou desafios. Em geral, surgem da interação entre lideranças, professores, pesquisadores ou estudantes, na busca de objetivos comuns que dificilmente seriam alcançados se as pessoas ou instituições atuassem de forma individual.

Deste modo, favorecem o desenvolvimento das pessoas e da Universidade, ampliando benefícios: a) Troca de conhecimento e experiências entre as instituições de diferentes países, enriquecendo o ambiente acadêmico e ampliando as perspectivas dos estudantes e pesquisadores (UNESCO, 2015); b) Acesso a recursos compartilhados com parcerias internacionais, como laboratórios de ponta, bibliotecas digitais e programas de financiamento conjunto, promovendo a excelência acadêmica e a inovação, bem como compartilhamento de boas práticas de governança e gestão (Mentges, 2022); c) Diversidade cultural e linguística, por meio da interação com estudantes e acadêmicos de diversas origens culturais e linguísticas promovendo a compreensão intercultural e cidadania global (Morosini; Mentges, 2020); d) Oportunidades de mobilidade estudantil e docente, permitindo que alunos e professores participem de programas de intercâmbio, estágios e colaborações de pesquisa em instituições parceiras.

As redes promovem a troca de ideias e experiências, abordagens inovadoras de ensino, o estímulo à cooperação entre estudantes e professores de diferentes origens, o acesso a recursos e serviços que talvez não estejam disponíveis em uma única instituição (Mentges, 2022). Ampliam as oportunidades de aprendizado interdisciplinar, fornecem suporte para o desenvolvimento profissional contínuo e aumentam a visibilidade e a influência das instituições no cenário educacional global. Estudantes e professores têm a possibilidade de participar de programas de mobilidade e intercâmbio, cursos conjuntos e projetos de pesquisa colaborativa em diferentes países. Isso não apenas enriquece suas experiências educacionais, mas também contribui para o desenvolvimento de uma rede global de contatos profissionais.

Nas últimas décadas, com a ascensão da nova competição, a cooperação entre organizações assumiu uma maior importância devido à dificuldade

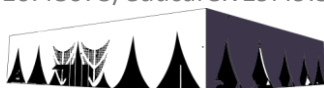


das empresas em atender às exigências competitivas isoladamente. No momento em que duas ou mais organizações percebem a possibilidade de alcançar conjuntamente seus objetivos e obter ganhos mútuos, a cooperação entre elas se desenvolve. Sendo assim, pode-se afirmar que a cooperação interorganizacional ocorre pelo empreendimento deliberado de relações entre organizações autônomas para a consecução de objetivos individuais e coletivos (Balestrin; Verschoore, 2016, p. 14).

No âmbito do desenvolvimento das pessoas e da instituição, a articulação em rede na educação superior promove o enriquecimento curricular, o que proporciona aos estudantes oportunidades de aprendizado intercultural com experiências práticas globais. Também promove inovação e especialmente colaboração no âmbito da pesquisa, impulsionando o avanço do conhecimento em diferentes áreas. Como resultado, podemos destacar o desenvolvimento de competências globais, como pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração intercultural preparando os estudantes para uma cidadania ativa e protagonista (UNESCO, 2015).

Essa atuação enfrenta desafios, entre eles destacam-se: as barreiras linguísticas e culturais; desigualdades de recursos e capacidade institucional de participação equitativa como integrante da rede; desafios administrativos, exigindo maior articulação, diálogo e gestão para lidar com situações adversas; e, questões relacionadas ao local e global, ou seja, é fundamental manter o equilíbrio entre a colaboração internacional e os interesses locais.

A universidade deve atuar como vetor de desenvolvimento da sociedade. Deste modo, têm o potencial de transformar a maneira como o ensino e a pesquisa são realizados, permitindo uma abordagem mais holística e colaborativa para a aprendizagem, o compartilhamento de recursos e a inovação educacional. A perspectiva das redes colaborativas se constitui como uma estratégia privilegiada, frente às possibilidades e também dos desafios da contemporaneidade, de promover a internacionalização da educação superior.



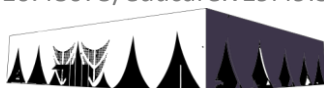
## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio que aflora com intensidade é a implantação da internacionalização at home, visto que se baseia nesse modelo sustentável de internacionalização, que não depende exclusivamente do econômico. Isso traz outras formas de internacionalização que também respeite a interculturalidade e as diferenças sócio-econômicas-culturais. Além disso, múltiplos olhares se desvelam no global-sul, com destaque para a democratização da internacionalização.

Considerando a proposição mundial de busca do desenvolvimento sustentável a Internacionalização da Educação Superior deve se tornar um processo integrador das dimensões internacional e intercultural na Educação Superior. Isso advém de interações sustentadas pelas redes, com blocos socioeconômicos desenvolvidos e em desenvolvimento e com outros que valorem múltiplas culturas, diferenças e tempos, fortalecendo e irradiando a capacidade científica tecnológica nacional, e mantendo viva a conexão local- global-local.

Há perigo nas novas incertezas (pandemias, guerras e crises climáticas), na insegurança, na polarização econômica que dominam muitos países. Mas também há oportunidade de reimaginar um futuro promissor e adaptar as IES criando novas histórias para a internacionalização da Educação Superior, numa abordagem democrática. Este é um caminho esperançoso a seguir, se for o objetivo para prosperar em um mundo igualitário para o desenvolvimento sustentável, as redes de pesquisa é um vetor potencializador desse processo.

Em suma, a internacionalização da educação superior por meio de redes colaborativas oferece um vasto potencial para o desenvolvimento tanto das instituições quanto das pessoas envolvidas. Ao promover a colaboração entre diferentes instituições e culturas, proporciona oportunidades para a troca de conhecimentos, experiências e práticas, enriquecendo assim a qualidade. Além disso, ao expandir os horizontes educacionais, essas iniciativas contribuem para a





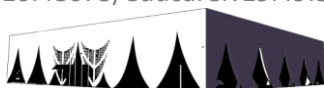
formação de profissionais globais e culturalmente competentes, preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Diante disso, os organismos internacionais, desempenham um papel crucial ao fornecer diretrizes e apoio para a criação e fortalecimento dessas redes colaborativas. Ao promover valores como a diversidade, a inclusão, solidariedade e a qualidade da educação, a UNESCO (2015) estimula a cooperação entre os países e instituições, impulsionando a internacionalização de maneira sustentável e equitativa.

A oportunidade é significativa para desenvolver a excelência acadêmica, a inovação e a compreensão intercultural em um mundo cada vez mais interconectado. Embora enfrentem desafios significativos, as redes colaborativas demonstram ser instrumentos valiosos para fortalecer a cooperação e construir um futuro mais inclusivo e colaborativo na Educação Superior.

## REFERÊNCIAS

- BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. **Redes de cooperação empresarial: estratégias de gestão na nova economia**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Geocapes: sistema de informações georreferenciadas**. Brasília: CAPES, 2022. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em: 25 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior 2022: divulgação dos resultados**. Brasília: Ministério da Educação, 10 out. 2023. Documento em PDF.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 22. ed. Rio de Janeiro: São Paulo, 2020.
- CROWTHER, P. *et al.* **Internationalisation at home: a position paper**. Amsterdam: European Association for International Education, 2000.
- DE WIT, H. Las dinámicas de la internacionalización a través de la movilidad académica. *In: SALMI, J. et al. Reflexiones para la política de Internacionalización de la Educación Superior em Colombia*. Bogotá: Ministerio de Educación Nacional, 2014. p. 135-158.



DE WIT, H. Misconceptions about (the end of) internationalization, challenges and opportunities for the future Hans. **Educación Superior y Sociedad**, Caracas, v. 21, n. 21, p. 65-78, 2017. Disponível em: <https://www.iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/article/view/27>. Acesso em: 04 jun. 2023.

DIDRIKSSON, A. Educación superior y sociedad del conocimiento en América Latina y el Caribe, desde la perspectiva de la Conferencia Mundial de la Unesco. In: TÜNNERMANN, B. C (ED.). **La educación superior en América Latina y el Caribe: diez años después de la conferencia mundial**. Colômbia: Pontificia Universidad Javeriana Colombia, 2008. Disponível em: [http://www.iesalc.unesco.org/ve/index.php?option=com\\_fabrik&c=form&view=details&Itemid=840&fabrik=10&rowid=5&tableid=10&lang=es](http://www.iesalc.unesco.org/ve/index.php?option=com_fabrik&c=form&view=details&Itemid=840&fabrik=10&rowid=5&tableid=10&lang=es). Acesso em: 12 ago. 2014.

GACEL-ÁVILA, J. **La dimensión internacional de las universidades: contexto, procesos, estrategias**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2006.

GACEL-AVILA, J. La dimensión internacional de las universidades mexicanas. **Educación superior y sociedad**, Caracas, v. 11, n. 1, p. 121-142, 2000. Disponível em: <https://www.iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/article/view/135>. Acesso em: 13 jul. 2019.

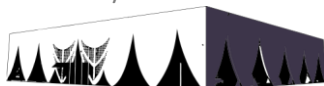
GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Líber Livro, 2007.

HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization: institutional pathways to success**. Nova York: Routledge, 2015.

KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios**. 2. ed. São Leopoldo: OIKOS, 2020.

LAUS, S. P.; MOROSINI, M. C. Internationalization of higher education in Brazil. In: DE WIT, H. *et al.* (ED.). **Higher Education in Latin America: the international dimension**. Washington: The World Bank, 2005.

LOPES, F. D.; BALDI, M. Redes como perspectiva de análise e como estrutura de governança: uma análise das diferentes contribuições. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 5, p. 1007-1035, set./out. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/8Wswr4Zg4vHwBZ7FjyMc64G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2024.



LUNA, J. M. F. de (ORG.). **Internacionalização do currículo**: educação, interculturalidade, cidadania global. Campinas: Pontes, 2016.

MEDINA, T. O. Introducción. La cooperación Sur-Sur en América Latina y el Caribe: balance de una década (2008-2018). In: MEDINA, T. O.; MUÑOZ, E. E. (ORG.). **La cooperación sur-sur en América Latina y el Caribe**: balance de una década (2008-2018). Buenos Aires: CLACSO, 2019.

MENTGES, M. J. **Internacionalização e organização em rede**: uma proposta para a Rede Internacional Marista de Educação Superior. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/24380>. Acesso em: 13 fev. 2024.

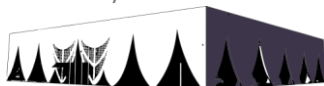
MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006. DOI: 10.1590/S0104-40602006000200008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/k4qqgRK75hvVtq4Kn6QLSJy/?lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MOROSINI, M.; CLEMENTE, F. A. S. Inter (nacionalização e culturalidade): constructos gêmeos em contextos emergentes da Educação Superior. In: CUNHA, M. I. da; RIBEIRO, G. M. (ORG.) **Práticas pedagógicas na educação superior**: desafio dos contextos emergentes. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2020. p. 233-249.

MOROSINI, M.; CORTE, M. G. D. Internacionalização da Educação Superior. In: MOROSINI, M. (ORG.). **Enciclopédia Brasileira da Educação Superior**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2021. p. 35-170.

MOROSINI, M. C.; MENTGES, M. J. Organismos internacionais e educação superior: proposições da agenda E2030. **Educação temática digital**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 632-650, jul./set. 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i3.8659308. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-25922020000300632&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922020000300632&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 fev. 2024.

MOROSINI, M. C.; NEZ, E de. Redes de pesquisa como proposta integradora para a internacionalização do conhecimento em contextos emergentes. **Inter Ação**, v. 45, n. 3, p. 688-703, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v45i3.62131>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/62131/35882>. Acesso em: 03 mar. 2021.



NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos do desenvolvimento sustentável**. Brasília: Nações Unidas, c2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 11 mar. 2023.

NILSSON, B. Internationalising the curriculum. *In*: CROWTHER, P. *et al.* **Internationalisation at home**: a position paper. Amsterdam: European Association for International Education, 2000.

OECD. **A OCDE e o Brasil**: uma relação mutuamente benéfica. [Paris]: OECD, [202-]. Disponível em: <https://www.oecd.org/latin-america/paises/brasil-portugues/>. Acesso em: 19 out. 2023.

OECD. **Higher education to 2030**: globalisation. Paris: OECD, 2009. v. 2. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/cei/highereducationto2030volume2globalisation.htm#ES>. Acesso em: 12 nov. 2021.

PNUD. **Relatório de desenvolvimento humano 2021/2022**. Nova York: PNUD, 2022. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/desenvolvimento-humano/publications/relatorio-de-desenvolvimento-humano-2021-22>. Acesso em: 28 mar. 2023.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira**: revista do conselho de reitores das universidades brasileiras, Brasília, v. 24, n. 48, 2003.

UNESCO. **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>. Acesso em: 18 ago. 2020.

UNESCO. **Education 2030**: Incheon declaration and framework for action: towards inclusive and equitable quality education and lifelong learning for all. Incheon: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000243278>. Acesso em: 18 ago. 2020.

WERNICKE, F.; KORSUNSKY, L. Introducción. *In*: TANGELSON, G. (COMP.) **Desde el sur**: miradas sobre la internacionalización. Remedios de Escalada: Ediciones de la Universidad Nacional de Lanús, 2014. Disponível em: [http://erasmusplusriesal.org/sites/default/files/16.\\_desde-el-sur-miradas-sobre-la-internacionalizacion.pdf](http://erasmusplusriesal.org/sites/default/files/16._desde-el-sur-miradas-sobre-la-internacionalizacion.pdf). Acesso em: 13 fev. 2024.

Recebido em: 23-02-2024

Aceito em: 28-05-2024

